



Tudo sobre o Purgatório

Para onde vão as almas que se
livraram da condenação eterna do
inferno, mas ainda têm penas a
pagar antes de entrar no céu?

Autoria:
Gustavo Antonio Solimeo
Luiz Sérgio Solimeo





ÍNDICE

Introdução

- 1-** O que é propriamente o Purgatório?
- 2-** O Purgatório é, então, transitório? Não é eterno?
- 3-** Que dogmas de fé a Igreja propõe com relação ao Purgatório?
- 4-** Qual a importância do Purgatório no “Corpo Místico de Cristo”?
- 5-** O que é a “Comunhão dos Santos?”
- 6-** Com que espírito devemos ter devoção às almas do Purgatório?
- 7-** Por que é necessário haver Purgatório?
- 8-** O que explica a severidade das penas do Purgatório?
- 9-** Por que é salutar o temor do Purgatório?

10- Como manter o equilíbrio entre o temor e a confiança?

11- Que questões doutrinárias a respeito do Purgatório estão ainda em aberto?

12- Portanto, não se sabe onde fica o Purgatório?

13- O que são “os Infernos” que rezamos no Credo?

14- O “limbo” dos Patriarcas, está também nessa região dos infernos?

15- Como se dividiria o Purgatório?

16- O que narra Santa Teresa sobre as almas do Purgatório?

17- O que é narrado a respeito na vida de São Luís Beltrán?

18- O que consistem, no Purgatório as “penas de dano” e a “pena dos sentidos”?

19- Como Santa Teresa de Jesus descreve a pena de dano?

20- E como é a pena dos sentidos?

21- Qual a severidade dos sofrimentos do Purgatório?

22- O fogo do Purgatório é igual ao do Inferno?

23- Então, não há proporção entre os sofrimentos desta vida e os do Purgatório?

24- O fogo do Purgatório, como o do Inferno, não se extingue?

25- Há algum exemplo do ardor desse fogo?

26- O que diz Santa Catarina de Gênova sobre as dores do Purgatório?

27- O que se pode dizer a respeito da duração das penas no Purgatório?

28- Essas penas podem durar anos?

29- Qual será o nosso débito, uma vez que o justo peca sete vezes por dia?

30- Desse modo, pode-se ficar até séculos no Purgatório?

31- Demora muito a passar o tempo no Purgatório?

32- Poderia dar um exemplo da duração do tempo no Purgatório?

33- Quer dizer que um minuto de sofrimento no Purgatório parece um ano ou mais de sofrimentos na terra?

34- O que é que os falecidos têm que expiar no Purgatório?

35- Ao que corresponde esse débito contraído?

36- A que corresponde esse débito de culpa?

37- Quanto pode tardar, no Purgatório, a expiação desses remanescentes dos pecados?

38- A negligência no serviço de Deus será também paga no Purgatório?

39- Qual será o castigo para a falta de mortificação da língua?

40- Há algum exemplo disso?

41- Mesmo pessoas virtuosas costumam cair nesse vício?

42- Toda falta contra a caridade é muito punida no Purgatório?

43- Como serão punidas no Purgatório as pessoas que pecaram contra a caridade?

44- Que outro pecado Deus pune severamente no Purgatório?

45- Como serão julgados os que têm cargo de mando?

46- Qual será o prêmio dos que tiverem sido misericordiosos na terra?

47- Há diversidade nas penas do Purgatório?

48- Há exemplo da diversidade das penas?

49- Como sofrem os que viveram no mundanismo e vida fácil?

50- O que dizer sobre o santo temor de Deus que se deve ter?

51- E sobre a confiança?

52- No Purgatório a justiça de Deus é também temperada pela misericórdia?

53- Assim, devemos ter confiança na misericórdia de Deus quando pensamos no Purgatório?

54- Há exemplo de como deve ser essa confiança na misericórdia divina?

55- Como é exercida a misericórdia de Deus no Purgatório?

56- Como Deus consola a alma no Purgatório?

57- É o Espírito Santo que dá contentamento à alma no Purgatório?

58- Como a Santíssima Virgem consola as almas do Purgatório?

59- Há exemplo desse apoio de Nossa Senhora?

60- Há dias especiais nos quais a Rainha do Céu socorre as almas do Purgatório?

61- Há algum exemplo desta ação de Nossa Senhora?

62- Que outros dias Nossa Senhora liberta as almas do Purgatório?

63- Além de consolações de Deus e de Nossa Senhora, é verdade que os Anjos também consolam as almas do purgatório?

64- Dê-nos alguns exemplos

65- Também os santos consolam as almas do Purgatório?

66- Desse modo, o que a Igreja Militante pode fazer pelas almas do Purgatório?

67- O que quer dizer “sufrágio”?

68- Que valor têm nossas obras aos olhos de Deus?

69- Quais são os ***sufrágios*** pelos quais, de acordo com a doutrina da Igreja, podemos ajudar as almas do Purgatório?

70- As obras que oferecemos pelas almas do Purgatório são também de proveito para nós?

71- Há exemplo dos sufrágios da Igreja tirando almas do Purgatório?

72- Qual é o sacrifício por excelência, da Nova Lei, pelos mortos?

73- É antigo o costume de se celebrar a Missa pelos falecidos?

74- O Santo Sacrifício da Missa é o que de mais precioso pode-se oferecer pelas almas do Purgatório?

75- Qual o efeito do Santo Sacrifício aplicado às almas do Purgatório?

76- Como Deus recompensa quem auxilia as almas do Purgatório?

77- Que outros meios temos para auxiliar as almas do Purgatório além da Missa?

78- Por que almas do Purgatório devem rezar?

79- Como podemos saber se uma alma está ou não no Purgatório?

80- Fazemos bom uso dos meios que a Providência nos põe nas mãos para ajudarmos as almas do Purgatório?

81- Devemos rezar sobretudo por nossos pais falecidos?

82- Que benefícios gozamos por rezar pelas almas do Purgatório?

83- Que outros benefícios recebemos nessa devoção?

84- É provável que váamos ao Purgatório?

85- Que meios temos nesta vida para abreviar nosso Purgatório na outra?

86- O que podem fazer as benditas almas do Purgatório por nós?

87- Como devemos ter temor do Purgatório sem perder a confiança?

88- Quais os pensamentos finais que devemos ter depois de ter lido este catecismo?

Conclusão

O que você deve saber sobre o Céu

Introdução

O Dogma do Purgatório está muito esquecido pela maioria dos fiéis católicos. A **Igreja Padecente**¹, onde temos tantos parentes para socorrer, e para onde prevêem que um dia iremos, parece-nos uma terra estranha.

As principais causas disso são a ignorância e a falta de fé; porque hoje em dia nossas noções concretas sobre o Purgatório são muito vagas, e nossa fé muito fraca.

Para que nossas ideias se tornem então mais claras e nossa fé mais viva, devemos lançar um olhar para essa vida de além túmulo, para esse estado intermediário das almas justas não dignas ainda de entrar no Paraíso Celeste.

Esse é o objeto do presente trabalho. Não nos propomos provar a existência do Purgatório para as mentes céticas, mas torná-la melhor conhecida dos fiéis piedosos, que acreditam com uma fé divina nesse dogma revelado por Deus.

¹ Refere-se às almas que estão no purgatório, pagando seus pecados para então entrar no céu.

Para produzir esse efeito, temos três fontes de luz muito distintas:

- 1 - ensino dogmático da Igreja;
- 2 - sã doutrina, como vem explicada pelos Doutores da Igreja;
- 3 - revelações e aparições aos Santos, que servem para confirmar os ensinamentos dos Doutores.

A **Igreja Padecente** sempre implorou a aprovação da Igreja Militante. E essa troca, levando a marca da tristeza, mas ao mesmo tempo cheio de ensinamentos, é, de um lado, uma fonte de inesgotável alívio; e, de outro, um poderoso incitamento à santidade.

Devemos acrescentar que os católicos devem precaver-se contra uma incredulidade excessiva em fatos sobrenaturais, ligados aos dogmas de fé.

São Paulo nos diz que **a Caridade tudo crê** (Cor. 13,7); como os intérpretes explicam, isso se refere a tudo o que se pode prudentemente crer, e cuja crença não nos é prejudicial.

Se é verdade que a prudência rejeita uma credulidade cega e supersticiosa, também é verdade que devemos evitar outro extremo - aquele que nosso Salvador censurou no Apóstolo São Tomé.

Disse-lhe Ele: “**Você crê, porque viu e tocou**”; melhor seria ter crido no testemunho de seus irmãos.

Sendo mais exato, você foi culpado de incredulidade. Essa é uma falta que meus discípulos devem evitar. “**Bem-aventurados aqueles que não viram e creram. Não seja incrédulo, mas crente**” (Jo 20, 27).

De fato, se o espírito de nossos pais na fé era mais simples, qual é a causa do desaparecimento dessa antiga simplicidade nos tempos presentes? Não será o racionalismo protestante, com o qual, em nossos dias, tantos católicos estão infectados?

Se bem que evitando uma credulidade censurável, coletamos com uma certa liberdade os fatos que nos parecem, à primeira vista, os mais autênticos e mais instrutivos sobre aparições de almas do Purgatório.

Possam eles aumentar, naqueles que os lerem, a devoção para com os falecidos. Possam eles inspirar profundamente um santo e salutar temor do Purgatório.



1 - O que é propriamente o Purgatório?

A palavra ***Purgatório*** é algumas vezes tomada no sentido de lugar, outras, no de um estado intermediário entre o Inferno e o Céu.

Ele é, propriamente falando, ***a condição das almas*** que, no momento da morte, estão em estado de graça, mas que não expiaram completamente suas faltas nem atingiram um grau de pureza necessário para gozar da visão de Deus, ou seja, para entrar no céu.

Isso porque no paraíso não pode entrar nenhum tipo de pecado ou mancha. Portanto, aqueles que ainda não pagaram por seus pecados completamente, precisam passar pelo Purgatório.

2 - O Purgatório é, então, transitório? Não é eterno?

O Purgatório é, portanto, para a alma morta em estado de graça santificante, um estado transitório que termina numa vida de felicidade sem fim.

Não é uma prova na qual o mérito possa ser ganho ou perdido, mas um estado de reparação e de expiação: as

almas que estão no purgatório não podem ir para o inferno, apenas para o céu.

A alma chegou ao termo de sua carreira terrena; essa vida foi um tempo de prova, um tempo de mérito para a alma, um tempo de misericórdia da parte de Deus.

Uma vez expirado esse tempo, nada mais resta senão a justiça esperada de Deus, enquanto a alma não pode nem ganhar nem perder mérito.

Ela permanece no estado em que a morte a encontrou. E, uma vez que esta a encontrou no estado de graça santificante, ela está certa de nunca perder esse feliz estado e chegar à eterna posse de Deus.

No entanto, uma vez que ela está carregada com débitos de punição temporal, deve satisfazer à Divina Justiça sofrendo a punição em todo seu rigor.

Tal é a significação da palavra **Purgatório** e a condição das almas que nele estão.

3 - Que dogmas de fé a Igreja propõe com relação ao Purgatório?

A Igreja propõe ***duas verdades*** claramente definidas como dogmas de fé:

1 - existe um Purgatório;

2 - as almas que nele estão podem ser assistidas pelos sufrágios dos fiéis, especialmente pelo Santo Sacrifício da Missa.

4 - Qual a importância do Purgatório no “Corpo Místico de Cristo”?

O Purgatório ocupa um importante lugar em nossa santa religião.

Forma uma das principais partes da obra de Jesus Cristo, e tem um papel essencial na economia da salvação do homem.

Lembremo-nos de que a Santa Igreja de Deus, considerada como um todo, está composta de três partes: ***a Igreja Militante,***

a Igreja Triunfante e a Igreja Padecente ou Purgatório.

Essa tríplice Igreja constitui o **Corpo Místico de Jesus Cristo**, e as almas do Purgatório não são menos seus membros que os fiéis, na terra, e os eleitos, no Céu.

No Evangelho, a Igreja é ordinariamente chamada **Reino do Céu**. Assim, o Purgatório, tanto quanto as Igrejas celestial e terrena, é uma província desse vasto reino.

5 - O que é a “Comunhão dos Santos?”

As três Igrejas irmãs têm incessantes relações entre si e uma contínua comunicação, à qual chamamos **Comunhão dos Santos**.

Essas relações não têm outro objetivo senão o de conduzir as almas para a glória eterna, termo final para o qual todos os eleitos tendem.

As três Igrejas se assistem mutuamente para povoar o Céu, que é a cidade permanente das almas, a gloriosa Jerusalém.

6 - Com que espírito devemos ter devoção às almas do Purgatório?

As preces, os sacrifícios e os sufrágios que fazemos pelos falecidos formam uma parte do culto cristão, e o Espírito Santo infunde com a caridade, nos corações dos fiéis, a devoção às almas do Purgatório.

Diz a Sagrada Escritura: ***É um pensamento santo e salutar rezar pelos mortos, para que eles sejam purificados dos pecados***
(2 Mc. 12, 46).

Para ser perfeita, a devoção às almas do Purgatório deve ser animada por um espírito tanto de temor quanto de confiança.

De um lado, a Santidade de Deus e sua Justiça inspira-nos um salutar temor. De outro, sua infinita Misericórdia dá-nos uma confiança sem limites.

7 - Por que é necessário haver Purgatório?

Deus é a própria Santidade, muito mais do que o sol é luz, e nem sombra de pecado pode se manter diante de sua face.

Quando a iniquidade se manifesta nas criaturas, a Santidade de Deus exige expiação; e quando essa expiação é feita em todo o rigor da justiça, é terrível.

É por isso que a Escritura diz: ***O temor do Senhor é o princípio da sabedoria*** (Sl 110,10), como se dissesse “***sua justiça é terrível porque sua santidade é infinita***”.

Em outras palavras, é necessário que haja um meio para que possamos purificar a nossa alma antes de entrar no céu. Apenas os santos, que não tem pecado para expiar, vão direto para o céu.

8 - O que explica a severidade das penas do Purgatório?

A Justiça de Deus é terrível e pune com extremo rigor até as faltas mais triviais. Isso porque essas faltas, leves a nossos olhos, não o são de nenhum modo aos de Deus.

O menor pecado desagrada a Deus infinitamente. E, em relação à infinita Santidade que é ofendida, a mais ligeira transgressão toma proporções enormes e pede enorme reparação.

Isso explica a terrível severidade das penas da outra vida, e deveria penetrar-nos de um santo temor.

9 - Por que é salutar o temor do Purgatório?

O temor do Purgatório é um temor salutar. Seu efeito é nos animar não só com uma caridosa compaixão para com as pobres almas sofredoras do Purgatório, mas também com um zelo vigilante por nosso próprio interesse espiritual.

“Pensa no fogo do Purgatório, e empenhar-te-ás em evitar as mais leves faltas; pensa no fogo do Purgatório, e farás penitência de modo a satisfazer a Divina Justiça neste mundo, em vez de fazê-lo no outro”.

10 - Como manter o equilíbrio entre o temor e a confiança?

Guardemo-nos, entretanto, do temor excessivo e não percamos a confiança. Não nos esqueçamos da Misericórdia de Deus, que não é menos infinita que sua Justiça.

Se estamos animados desse duplo sentimento, se nossa confiança na misericórdia de Deus é igual ao temor que sua Justiça nos inspira, teremos o verdadeiro espírito de devoção às almas do Purgatório.

Esses sentimentos surgem naturalmente do dogma do Purgatório retamente entendido - um dogma que contém o duplo mistério da Justiça e da Misericórdia.

Da Justiça que pune, da Misericórdia que perdoa. É desse duplo ponto de vista que consideraremos o Purgatório e ilustraremos sua doutrina.

11 - Que questões doutrinárias a respeito do Purgatório estão ainda em aberto?

Além dos dois ***pontos dogmáticos*** aprovados pela Igreja (***que existe um Purgatório; e que as almas que nele estão podem ser assistidas pelos sufrágios dos fiéis, especialmente pelo Santo Sacrifício da Missa***), há várias questões doutrinárias que a Igreja ainda não decidiu, e que estão mais claramente resolvidas ou menos pelos Doutores.

À essas noções estão relacionadas:

- 1o, com a localização do Purgatório;
- 2o, com a natureza de seus sofrimentos;
- 3o, com o número e condição das almas que estão no Purgatório;
- 4o, com a certeza que elas têm de sua beatitude;
- 5o, com a duração de seus sofrimentos;
- 6o, com a intervenção dos vivos em seu favor, e a aplicação dos sufrágios pela Igreja.

12 - Portanto, não se sabe onde fica o Purgatório?

Se bem que a fé não nos diga nada de definitivo sobre a localização do Purgatório, a opinião mais comum - que está mais de acordo com a linguagem da Escritura, e que é geralmente melhor recebida entre os teólogos - o coloca nas entranhas da Terra, não longe do Inferno dos réprobos.

Os teólogos são quase unânimes, diz São Roberto Bellarmino, ensinando que o Purgatório, pelo menos o lugar de expiação **ordinário**, está situado no interior da Terra, e que as almas do Purgatório e os réprobos estão no mesmo espaço subterrâneo, no profundo abismo que a Escritura chama de **Inferno**.

13 - O que são “os Infernos” que rezamos no Credo?

Quando dizemos no **Credo** que, após sua morte, **Jesus Cristo desceu aos Infernos**, o nome **Inferno** - diz o Catecismo do Concílio de Trento - significa esses lugares escondidos nos quais estão detidas as almas que ainda não atingiram a eterna beatitude.

Mas essas prisões são de gêneros diferentes. Uma é a triste prisão onde os condenados são continuamente atormentados pelos maus espíritos e por um fogo que nunca se extinguirá.

Há um outro Inferno, que contém o fogo do Purgatório. Lá as almas dos justos sofrem por um certo tempo, para que se tornem inteiramente purificadas antes de serem admitidas em sua pátria celeste, onde nada corrompido pode entrar.

14 - O “limbo” dos Patriarcas, do Antigo Testamento, está também nessa região dos infernos?

Um terceiro Inferno era aquele em que as almas dos Santos que morreram antes da vinda de Jesus Cristo eram recebidas, e no qual gozavam de um pacífico

repouso, isento de dor, consoladas e sustentadas pela esperança de sua redenção.

Elas eram aquelas santas almas que esperavam Jesus Cristo no seio de Abraão, e que foram libertadas quando Cristo desceu aos Infernos.

Nosso Salvador difundiu repentinamente sobre elas uma brilhante claridade, que as cumulou de infinita alegria e lhes deu a soberana beatitude, que é a visão de Deus. Então cumpriu-se a promessa de Jesus ao bom ladrão: ***hoje mesmo estarás comigo no Paraíso.***

15 - Como se dividiria o Purgatório?

“Uma opinião muito provável - diz São Tomás de Aquino - e que confere com as palavras dos Santos em revelações particulares, é a de que o Purgatório tem um duplo lugar para expiação.

O primeiro seria destinado à generalidade das almas, situado em baixo, próximo ao Inferno; o segundo seria para casos particulares, e é dele que tantas aparições ocorrem”.

16 - O que narra Santa Teresa sobre as almas do Purgatório?

Santa Teresa tinha grande caridade para com as almas do Purgatório, e as assistia com suas preces e boas obras, tanto quanto estava em seu poder.

Em recompensa Deus mostrava-lhe frequentemente as almas que ela livrava. Ela as via no momento de sua libertação dos sofrimentos e de sua entrada no Céu. E geralmente vinham do seio da terra.

“Eu recebi notícias - escreve ela - da morte de um religioso que tinha anteriormente sido Provincial desta província, e, depois, de uma outra.

Eu o conhecia, e ele me prestou grande serviço. Isso me causou grande preocupação. Se bem que esse homem fosse recomendável por muitas virtudes, eu estava apreensiva pela salvação de sua alma, porque ele tinha sido Superior pelo espaço de vinte anos, e eu temo muito por aqueles que estão encarregados da cura de almas.

Muito aflita, fui a um oratório. Lá conjurei nosso Divino Senhor que aplicasse a esse religioso o pouco bem que eu tinha feito durante a vida, e suprisse o resto com seus méritos infinitos, de modo que ele pudesse ser livre do Purgatório.

Enquanto eu pedia essa graça com todo o fervor de que sou capaz, vi ao meu lado direito essa alma vir das profundezas da terra e ascender ao Céu com transportes de alegria.

Se bem que esse sacerdote fosse avançado em anos, ele me apareceu com as feições de um homem que não teria ainda atingido a idade de trinta anos, e com um semblante resplandecente de luz”.

17 - O que é narrado a respeito na vida de São Luís Beltrán?

Fato semelhante é narrado na vida de São Luís Beltrán, da Ordem de São Domingos. No ano de 1557, quando o Santo vivia no convento de Valência, a cidade foi atacada pela peste. O terrível flagelo espalhou-se rapidamente, ameaçando exterminar os habitantes, e cada um temia por sua vida.

Um religioso da comunidade, querendo preparar-se fervorosamente para a morte, fez uma confissão geral com o santo. Antes de afastar-se, disse: “**Padre, se aprover a Deus me chamar, eu retornarei para fazer-lhe conhecer minha condição na outra vida**”.

Ele morreu pouco tempo depois, e na noite seguinte apareceu ao Santo, dizendo-lhe que estava detido no Purgatório por causa de algumas faltas ligeiras que lhe faltava expiar, e pedia-lhe que o recomendasse à comunidade.

São Luís comunicou o pedido ao Prior, que apressou-se em recomendar a alma do falecido às orações e Santo Sacrifícios dos irmãos reunidos em capítulo.

Seis dias mais tarde, um homem da cidade, que não sabia nada do que se havia passado no convento, veio confessar-se com o Padre Luís, e disse-lhe que “**a alma do Padre Clemente lhe tinha aparecido. Ele viu a terra abrir-se e a alma do falecido surgir toda gloriosa. Assemelhava-se a uma estrela resplandecente, que se elevou nos ares em direção ao Céu**”.

18 - O que consistem, no Purgatório, as “penas de dano” e a “pena dos sentidos”?

Há no Purgatório, como no Inferno, uma dupla pena - a ***pena da perda ou dano***, e a ***pena dos sentidos***.

A pena da ***perda*** ou do ***dano*** consiste na privação temporária da visão de Deus, que é o Supremo Bem, o fim beatífico para o qual nossas almas são feitas como nossos olhos são feitos para a luz.

É uma sede moral que atormenta a alma. Essa dor ultrapassa os mais agudos sofrimentos.

“Ser impedida de entrar na felicidade do céu, eis, certamente, para as almas do Purgatório, uma verdadeira pena que se pode comparar à de dano ... A maioria dos autores admite que essa pena “de dano” é a principal pena do Purgatório”.

Dictionnaire de la Théologie Catholique, Paris, Librairie Letouzey et Ane, 1936, tomo XIII, col. 1242. Nota do tradutor].

19 - Como Santa Teresa de Jesus descreve a pena de dano?

Santa Teresa, falando na pena de perda ou do dano, no “Castelo da alma”, assim se expressa:

“A pena de perda, ou privação da vista de Deus, excede todos os mais dilacerantes sofrimentos que podemos imaginar, porque as almas anseiam por Deus como o centro de suas aspirações, mas são continuamente repelidas por sua Justiça.

Afigure-se um marinheiro num naufrágio que, depois de ter batalhado longamente contra as ondas, chega finalmente ao alcance da praia, apenas para ver-se constantemente repelido para trás por uma mão invisível. “Que agonia torturante! No entanto, a das almas do Purgatório é mil vezes maior”.

20 - E como é a pena dos sentidos?

A pena dos sentidos, ou de sofrimento sensível, é a mesma que experimentamos em nossa carne. Sua natureza não está definida pela fé, mas é opinião comum dos Doutores que consiste no fogo e em outras espécies de sofrimentos.

O fogo do Purgatório, dizem os Padres, é o do Inferno, do qual fala o rico glutão: ***Quia crucior in hac flamma*** - “eu sofro cruelmente nestas chamas”.

21 - Qual a severidade dos sofrimentos do Purgatório?

Com relação à severidade desses sofrimentos, é proporcionada à natureza, gravidade e número dos pecados cometidos, uma vez que são infligidos pela infinita Justiça.

Cada um recebe de acordo com suas obras, cada um tem que saldar os débitos de que se vê culpado diante de Deus. Ora, esses débitos diferem enormemente em qualidade.

Há alguns que se acumularam durante uma longa vida, alcançaram os dez mil talentos do Evangelho, quer dizer, milhões e dezenas de milhões.

Enquanto que outros estão reduzidos a uns poucos tostões e ao insignificante remanescente do que ainda não foi expiado na terra.

Segue-se daí que as almas sofrem várias espécies de sofrimentos e há inumeráveis graus de expiação no Purgatório; e que, portanto, alguns sofrimentos são incomparavelmente mais severos que outros.

22 - O fogo do Purgatório é igual ao do Inferno?

Falando em geral, os Doutores concordam em dizer que as dores do Purgatório são as mais dilacerantes que se possam imaginar.

O mesmo fogo, diz São Gregório, atormenta os réprobos e purifica os eleitos (Sl 37),

“Quase todos os teólogos - diz São Roberto Bellarmino - ensinam que os réprobos e as almas do Purgatório sofrem a ação do mesmo fogo”.

23 - Então, não há proporção entre os sofrimentos desta vida e os do Purgatório?

Deve ser tido como certo - escreve o mesmo Bellarmino - que não há proporção entre os sofrimentos desta vida e os do Purgatório.

Santo Agostinho declara precisamente o mesmo em seu comentário sobre o Salmo 31:

“Senhor, não me castigues no teu furor e não me rejeiteis como àqueles a quem dissestes ‘Vá para o fogo eterno’. Não me castigues no teu furor. Purificai-me antes de tal maneira, nesta vida, que eu não necessite ser purificado pelo fogo na próxima.

Sim, eu temo esse fogo que foi ateado para aqueles que serão salvos, é verdade, mas isso pelo fogo.

Eles serão salvos, não há dúvida, depois da prova do fogo, mas essa prova será terrível, esse tormento será mais intolerável que todos os mais insuportáveis deste mundo”.

Eis o que diz Santo Agostinho, e o que São Gregório, São Beda o Venerável, Santo Anselmo e São Bernardo disseram depois dele.

São Tomás vai mais longe. Ele afirma que a menor dor do Purgatório ultrapassa todos os sofrimentos desta vida, quaisquer que sejam.

A dor, diz o Beato Pedro Lefèvre, é tanto mais profunda e mais aguda quando ataca diretamente a alma e a mente, do que quando as alcança somente por meio do corpo.

O corpo mortal e os próprios sentidos absorvem e interceptam uma parte da dor física e mesmo moral.

O autor da “Imitação” falando dos sofrimentos da outra vida em geral, diz: ***Lá, uma hora de tormento será mais terrível do que cem anos de rigorosa penitência feita aqui.***

24 - O fogo do Purgatório, como o do Inferno, não se extingue?

Sabemos quão terrível coisa é o fogo - mesmo a fraca chama que acendemos em nossas casas - e que dor causa a mais leve queimadura.

Quão mais terrível tem que ser esse fogo que não é alimentado nem com madeira nem com óleo, e que nunca pode ser extinguido!

Aceso pela ira de Deus para ser instrumento de sua justiça, ele age sobre as almas e as atormenta com incomparável atividade.

O que, já dissemos e temos ainda a dizer, é bem qualificado para nos inspirar aquele salutar temor recomendado por Jesus Cristo.

25 - Há algum exemplo do ardor desse fogo?

O historiador Bzovius, em sua História da Polônia, relata, com data de 1598, um fato miraculoso que sucedeu com o Venerável Estanislau Chocosca, um dos luminares da Ordem de São Domingos na Polônia.

Um dia, quando o religioso, cheio de caridade para com os falecidos, recitava o rosário, viu aparecer perto de si uma alma envolta em chamas. Quando esta lhe pediu que tivesse piedade dela e aliviasse os intoleráveis sofrimentos que o fogo da Justiça Divina determinara que ela sofresse, o santo homem perguntou-lhe se esse fogo era mais dolorido que o da terra.

“Ah! - respondeu ela - todos os fogos da terra, comparados ao do Purgatório, são como brisas refrescantes”.

Estanislau mal pôde crer.

“Eu gostaria de ter uma prova disso. Se Deus permitir, para seu alívio e para o bem de minha alma, eu consinto em sofrer uma parte de suas dores”.

“Ai de mim!” - respondeu o falecido

– o Sr. não pode fazer isso. Saiba que nenhum ser humano pode sofrer vivo tal tormento. Entretanto, Deus permitirá que o sinta em um grau muito fraco. Estenda-me sua mão”.

Chocosca estendeu a mão, e o falecido deixou cair nela uma gota de suor, ou ao menos de um líquido semelhante. No mesmo momento, foi tão terrível e intensa a dor, que o religioso soltou um penetrante grito e caiu desmaiado no solo.

Os outros irmãos correram imediatamente e apressaram-se em dar-lhe a assistência que sua condição requeria.

Quando recuperou a consciência, ele relatou o que sucedera, do que eles tinham uma prova visível na horrível ferida de sua mão.

“Ah! Meus irmãos - disse ele - se conhecêssemos a severidade dos castigos divinos, não só nunca mais pecaríamos, mas jamais cessaríamos de fazer penitência nesta vida para evitar a expiação na outra

Estanislau ficou de cama a partir desse momento. Viveu mais um ano, com as mais terríveis dores provocadas pela horrível ferida.

Então, pela última vez, exortando seus irmãos a se lembrarem dos rigores da Justiça Divina, dormiu pacificamente no Senhor.

O historiador acrescenta que esse exemplo reanimou o fervor em todos os mosteiros daquela província.

26 - O que diz Santa Catarina de Gênova sobre as dores do Purgatório?

Santa Catarina de Gênova, em seu tratado sobre o Purgatório, diz:

“As almas sofrem um tormento tão extremo, que a língua não pode descrever, nem pode o

entendimento ter dele a menor noção, se Deus não o torna conhecido por uma graça particular.

Nenhuma língua pode expressar, nenhuma mente forma alguma ideia do que é o Purgatório. Quanto ao sofrimento, ele é igual ao Inferno”.

27 - O que se pode dizer a respeito da duração das penas no Purgatório?

A Fé não nos fala sobre a duração precisa das penas do Purgatório. Sabemos genericamente que elas são medidas pela Justiça Divina, e que cada uma delas é proporcionada ao número e à gravidade das faltas ainda não expiadas.

Deus pode, no entanto, sem prejuízo de sua Justiça, abreviar esses sofrimentos aumentando sua intensidade. A Igreja Padecente pode também obter sua remissão pelo Santo Sacrifício da Missa, principalmente pela chamada “Missa Gregoriana”, isto é, uma série ininterrupta de 30 Missas, e outros sufrágios oferecidos pelos falecidos.

28 - Essas penas podem durar anos?

De acordo com a opinião comum dos Doutores, as penas expiatórias do Purgatório são de longa duração. “Não há dúvida - diz São Roberto Bellarmino, - de que as penas do Purgatório não são limitadas a dez ou vinte anos, e de que elas duram, em muitos casos, séculos.

“Entretanto, mesmo aceitando como certo que sua duração não exceda dez ou vinte anos, poder-se-ia tomar como nada o ter que sofrer por dez ou vinte anos os mais dilacerantes sofrimentos sem o menor alívio?

Se um homem estivesse seguro de que deveria sofrer uma dor violenta em seu pé, cabeça ou dente pelo espaço de vinte anos, e isso sem dormir ou ter o menor repouso, não preferiria mil vezes morrer do que viver em tal estado?

E se lhe fosse dada a escolha entre isso e uma vida miserável, com a perda de todos seus bens temporais, hesitaria ele em fazer o sacrifício de sua fortuna para se ver livre de tal tormento?

Teremos então qualquer dificuldade em abraçar trabalhos e penitências para livrar-nos dos sofrimentos do Purgatório? Temeremos fazer os mais dolorosos sacrifícios como vigílias, jejuns, esmolas, longas orações, e especialmente a contrição acompanhada com soluços e lágrimas?”

29 - Qual será o nosso débito, uma vez que o justo peca sete vezes por dia?

O Pe. Mumford, da Companhia de Jesus, em seu ***“Tratado da Caridade para com os Falecidos”***, baseia a longa duração do Purgatório num cálculo de probabilidade, do qual daremos um resumo.

Afirma ele o princípio de que, de acordo com as palavras do Espírito Santo, o justo cai sete vezes por dia (Prv 24,16); isso quer dizer que, mesmo aqueles que se aplicam mais perfeitamente ao serviço de Deus cometem por dia, não obstante sua boa vontade, um grande número de faltas aos olhos infinitamente puros de Deus.

Basta-nos entrar em nossa própria consciência e nela analisar, diante de Deus, nossos pensamentos, nossas

palavras e obras, para estarmos convencidos desse triste efeito da miséria humana.

Ó, quão fácil é faltar com respeito na oração, preferir o sossego ao cumprimento do dever, pecar por vaidade, por impaciência, por sensualidade, por pensamentos e palavras contra a caridade, por falta de conformidade com a vontade de Deus!

O dia é longo; é muito difícil, mesmo para uma pessoa virtuosa, não cometer, não direi sete, mas vinte ou trinta faltas e imperfeições desse gênero.

Moderemos a estimativa, e suponhamos que a pessoa cometa cerca de dez faltas por dia. No fim de 365 dias, terá uma soma de 3.650 faltas.

Diminuamos, para facilitar o cálculo, e coloquemos 3.000 por ano. No fim de dez anos esse total chegará a 30.000; e no fim de vinte, a 60.000.

Suponhamos que, dessas 60.000 faltas, a pessoa tenha expiado metade com penitência e boas obras. Ainda restarão 30.000 para serem expiadas.

Continuemos a hipótese: a pessoa morre depois desses vinte anos de vida virtuosa e aparece diante de Deus com um débito de 30.000 faltas, que deve resgatar no Purgatório. Quanto tempo precisará para sua expiação?

Suponhamos que, em média, cada falta requeira uma hora de Purgatório. Essa medida é muito moderada, se julgarmos pelas revelações dos Santos. Mas, em todo caso, isso dará um Purgatório de 30.000 horas.

Quantos anos essas 30.000 horas representam? Três anos, três meses e quinze dias! Assim, um bom católico que se vigia a si próprio, que aplica-se à penitência e boas obras, encontra-se sujeito a três anos, três meses e quinze dias de Purgatório!

30 - Desse modo, pode-se ficar até séculos no Purgatório?

O cálculo precedente é baseado numa estimativa que é branda em extremo.

Ora, se aumentarmos a duração do sofrimento, e em vez de uma hora tomarmos um dia para a expiação de cada falta; se, em vez de só pecados veniais, a pessoa traz diante de Deus um débito resultante de pecados mortais

mais ou menos numerosos que tenha cometido; se tomamos, na média da visão de Santa Francisca Romana, sete anos de expiação para cada pecado mortal resgatado quanto à culpa, quem não vê que chegamos a uma apavorante duração, que pode facilmente ser prolongada por muitos anos, e até por séculos?

Anos e séculos de tormentos! Ó, se apenas pensássemos nisso, com que cuidado não evitaríamos as menores faltas! Com que fervor não praticaríamos penitência para satisfazê-las neste mundo!

31 - Demora muito a passar o tempo no Purgatório?

O que mostra ainda mais o rigor do Purgatório, é que o período mais curto de tempo lá parece ser de muito longa duração.

Todo mundo sabe que os dias de alegria passam rápido e parecem curtos, enquanto que o tempo passado em sofrimentos parece-nos muito longo. Ó, quão vagarosamente passam as horas da noite para o pobre doente, que sofre sem conseguir dormir! Podemos afirmar que, quanto mais intensa é a dor, tanto mais longa parece a menor duração de tempo.

Essa regra nos fornece um novo meio de estimar os sofrimentos do Purgatório.

32 - Poderia dar um exemplo da duração do tempo no Purgatório?

Encontramos nos *Anais dos Frades Menores*, no ano de 1285, um fato que é também relatado por Santo Antonino em sua *Summa*.

Um homem muito religioso, que sofria já havia longo tempo de dolorosa doença, deixou-se levar pelo desencorajamento, e suplicou a Deus que lhe permitisse morrer para ver-se livre dos sofrimentos.

Ele não pensou que o prolongamento de sua doença era uma misericórdia de Deus, que queria poupar-lhe mais severos sofrimentos na outra vida.

Em resposta às suas preces, Deus encarregou seu Anjo da Guarda de oferecer-lhe a escolha entre morrer imediatamente e sofrer as dores do Purgatório por três dias, ou suportar sua doença por mais um ano, e então ir direto para o Céu.

O doente não hesitou em escolher os três dias de Purgatório. E assim morreu, indo para o lugar de tormentos. Uma hora depois de lá ter chegado, seu Anjo foi visitá-lo em seus sofrimentos. Ao vê-lo, o pobre condenado queixou-se por ter sido deixado tão longamente no Purgatório.

“E ademais- acrescentou - vós me prometestes que eu permaneceria apenas três dias aqui”.

Seu Anjo lhe perguntou: ***“Quanto tempo pensas que já sofreu?” “Pelo menos vários anos. No entanto, eu deveria sofrer apenas três dias”.***

“Saiba que estás aqui somente há uma hora - disse-lhe o Anjo - A intensidade das dores o engana quanto ao tempo. Faz um instante parecer um dia, e uma hora parecer anos”.

“Ai de mim! - suspirou a pobre alma - como fui tão cego e considerado na escolha que fiz. Rogue ao Senhor, meu bom Anjo, que me perdoe e me permita retornar à terra.

Estou pronto a submeter-me às mais cruéis moléstias, não apenas por um ou dois anos,

mas tão longamente quanto lhe aprouver. É melhor seis anos de horrível sofrimento na terra do que uma só hora neste abismo de inexprimíveis agonias”.

33 - Quer dizer que um minuto de sofrimento no Purgatório parece um ano ou mais de sofrimentos na terra?

O fato seguinte, tirado de um piedoso autor citado pelo Pe. Rossignoli, mostra isso.

Dois religiosos de eminente virtude rivalizavam um com o outro em levar uma santa vida. Um deles caiu doente e soube por uma visão que morreria logo, que seria salvo, e que permaneceria no Purgatório somente até que a primeira Missa fosse celebrada pelo repouso de sua alma. Cheio de alegria ante essa notícia, apressou-se em partilhá-la com seu amigo e rogar-lhe que não demorasse na celebração desta Missa que lhe abriria o Céu.

Ele faleceu realmente na manhã seguinte, e seu santo companheiro não perdeu tempo em celebrar o Santo Sacrifício prometido.

Depois da Missa, enquanto fazia a ação de graças e continuava ainda a rezar pelo falecido amigo, este lhe apareceu radiante de glória, mas, num tom docemente queixoso, perguntou por que essa Missa, da qual ele tanto necessitava, tinha sido tanto adiada.

***“Meu irmão bendito- respondeu o religioso -
dizeis que eu adiei muito? Não vos entendo”.***

***“O quê! Não me deixastes sofrer por mais de um
ano antes de oferecer a Missa pelo repouso de
minha alma?”.***

***“Realmente, meu caro irmão, eu comecei a Missa
imediatamente após vossa morte; não
havam passado nem quinze minutos”.***

Então, olhando-o com emoção, a bendita
alma exclamou:

***“Quão terríveis são os sofrimentos expiatórios do
outro mundo, uma vez que eles me fizeram
tomar minutos por um ano.***

***Servi a Deus, meu caro irmão, com uma exata
fidelidade, para que possais evitar esses***

castigos. Adeus! E vôo para o Céu, onde logo juntar-vos-eis a mim”.

34 - O que é que os falecidos têm que expiar no Purgatório?

Por que os falecidos devem sofrer antes de serem admitidos a ver a face de Deus? Qual é a matéria, qual o objeto dessas expiações? O que tem o fogo do Purgatório que purificar, que consumir?

De acordo com os Doutores, são as **manchas** deixadas pelo pecado.

O que é entendido por **manchas**? Para a maioria dos teólogos, não é a culpa do pecado, mas é a dor ou débito de dor merecido pelo pecado.

Para entender-se bem isso, devemos nos lembrar de que o pecado produz um duplo efeito na alma: o que chamamos débito de culpa e débito de sofrimento.

Ele torna a alma não somente culpada, mas merecedora da dor ou castigo. Ora, depois que a culpa é perdoada na confissão, geralmente acontece que a dor permanece

para ser sofrida, inteiramente ou em parte, e isso tem que ser sofrido na presente vida ou na vida futura.

35 - Ao que corresponde esse débito contraído?

As almas do Purgatório não retêm a mais leve mancha de culpa. As culpas veniais, que tinham no momento de sua morte, desapareceram na ordem da pura caridade com a qual foram inflamadas na outra vida.

Mas carregam ainda o débito do sofrimento, que não resgataram antes da morte.

Esse débito vem de todas as faltas cometidas durante a vida, especialmente de pecados mortais não expiados quanto à culpa, porque negligenciaram de expiá-los com frutos meritórios ou penitência exterior.

Tal é o ensinamento comum dos teólogos, que Suárez resume em seu “***Tratado sobre o Sacramento da Penitência***”. Diz ele: “Assim concluimos que todos os pecados veniais com os quais um homem justo morre são apagados quanto à culpa no momento em que a alma é separada do corpo, por virtude de um ato de amor de Deus e da perfeita contrição que Ele excita sobre todas as faltas passadas.

De fato, no momento da morte, a alma conhece perfeitamente sua situação e os pecados dos quais tornou-se culpada diante de Deus.

Ao mesmo tempo, é mestra de suas faculdades para agir.

36 - A que corresponde esse débito de culpa?

Dissemos que o montante total de débito de sofrimento no Purgatório vem de todas as faltas não expiadas aqui na terra, mais especialmente dos pecados mortais perdoados em sua culpa.

Os homens que passam a vida toda em habitual estado de pecado mortal e retardam suas conversões até a morte, supondo que Deus lhes concederá essa rara graça, terão que sofrer os mais assustadores sofrimentos.

Nos nossos dias, para muitos dos Católicos, é totalmente estranha a cruz e a mortificação de Jesus Cristo. Sua vida efeminada e sensual não é senão uma cadeia de prazeres. Temem tudo quanto seja sacrifício.

Uma vez que não se submetem a nenhuma penitência neste mundo, que

**reflitam na que lhes será infligida
no outro.**

**37 - Quanto pode tardar, no Purgatório, a expiação
desses remanescentes dos pecados?**

A venerável serva de Deus Francisca de Pamplona, que era favorecida com muitas visões do Purgatório, viu um dia um homem do mundo que, se bem que tivesse sido toleravelmente um bom católico, passou cinquenta e nove anos no Purgatório por ter procurado somente seu conforto e sossego. Outro passou trinta e cinco lá, pela mesma razão. Um terceiro, que tinha uma forte paixão pelo jogo, foi detido no Purgatório por sessenta e quatro anos.

**38 - A negligência no serviço de Deus será também
paga no Purgatório?**

Bons cristãos, sacerdotes e religiosos, que querem servir a Deus com todo seu coração, têm que evitar o vício da tibieza e negligência. Deus quer ser servido com todo o fervor.

Os que são tíbios e descuidados em seu serviço excitam seu asco. Ele vai mesmo tão longe quanto a ameaçar

com suas maldições aqueles que fazem ações santas de um modo descuidado - quer dizer, punirá severamente no Purgatório toda negligência no seu serviço.

A tibieza está aliada à negligência na preparação para o Banquete Eucarístico.

Se a Igreja convida incessantemente seus filhos para a Mesa sagrada, se ela deseja que comunhem frequentemente, ela quer que o façam com o fervor e a piedade que tão grande mistério pede.

Toda negligência voluntária nessa ação tão santa é uma ofensa à santidade de Jesus Cristo, uma ofensa que tem que ser reparada no outro mundo por uma justa expiação.

39 - Qual será o castigo para a falta de mortificação da língua?

Outra falta contra a qual devemos nos guardar, porque facilmente nela caímos, é a da falta de mortificação da língua.

Ó, quão fácil é pecar por palavras! Quão raro falar, por qualquer extensão de tempo, sem pecar contra a mansidão, humildade, sinceridade ou caridade cristã!

Mesmo pessoas piedosas são freqüentemente sujeitas a esse defeito. Quando escaparam de outras ciladas do demônio, permitem-se ser pegas, diz São Jerônimo, nesta última armadilha: murmuração, difamação.

Uma multidão de revelações nos mostra como Deus castiga com implacável rigor todos os pecados contrários à Justiça e à Caridade.

Em matéria de Justiça, ele parece exigir que a reparação seja feita antes que a penalidade seja cancelada. Como na Igreja Militante, em que seus ministros devem exigir a restituição para perdoar a falta, de acordo com o axioma: “Sem restituição não há remissão”.

40 - Há algum exemplo disso?

O Padre Eusébio Nieremberg, jesuíta, que morreu em odor de santidade em 1658, era particularmente devoto das almas do Purgatório.

Um dia rezava por um sacerdote recentemente falecido, que tinha sido por longo tempo um grande teólogo. Distinguiu-se pela grande devoção à Santíssima Virgem, mas tinha um vício entre suas muitas virtudes: era

extremamente severo e faltava caridade em suas palavras, além de falar frequentemente das faltas do próximo.

Ora, quando o Padre Nieremberg recomendava a Deus sua alma, esse religioso apareceu-lhe e revelou o estado de sua alma. Ele estava condenado a apavorantes tormentos por ter faltado frequentemente contra a caridade em palavras.

Sua língua, instrumento dessa falta, era torturada por um fogo devorador. A Santíssima Virgem, em recompensa pela terna devoção que ele tinha tido para com Ela, tinha-lhe obtido permissão para vir pedir orações.

Ele deveria também servir de exemplo para outros, de modo que soubessem ser prudente em todas suas palavras.

O Padre Nieremberg, tendo oferecido muitas orações e penitências por ele, finalmente obteve sua absolvição.

41 - Mesmo pessoas virtuosas costumam cair nesse vício?

O Pe. Rossignoli fala de um religioso dominicano que incorreu também no castigo da Divina Justiça por falta de moderação no uso das palavras.

Esse religioso, um pregador cheio de zelo, uma glória para sua Ordem, apareceu depois da sua morte a um de seus irmãos de Colônia. Estava vestido com roupas magníficas, portava uma coroa de ouro, mas sua língua estava terrivelmente atormentada.

Esses ornamentos representavam a recompensa de seu zelo pelas almas e sua perfeita exatidão em todos os pontos de sua Regra. No entanto, sua língua era torturada porque ele não tinha guardado suficientemente suas palavras, e sua linguagem nem sempre fora conforme aos sagrados lábios de um sacerdote e religioso.

42 - Toda falta contra a caridade é muito punida no Purgatório?

Já vimos como a Justiça Divina é extremamente severa em relação aos pecados contra a Caridade. A Caridade é, de fato, a virtude mais cara ao Coração de nosso Divino

Mestre, e a que recomenda a seus discípulos como sendo a que os deve distinguir aos olhos dos homens. Por isso, diz Ele, ***todos os homens reconhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros*** (Jo 13,35).

Não é, pois, surpreendente que a dureza para com o próximo e toda outra falta contra a caridade sejam severamente punidas na outra vida.

A verdadeira Caridade é humilde e indulgente com o próximo, respeitando-o como se fosse seu superior. Suas palavras são sempre amáveis e cheias de consideração para com os outros, nada tendo de amargura nem de frieza, não demonstrando desprezo, porque ela nasce do coração que é manso e humilde como o de Jesus. Ela também evita cuidadosamente tudo que possa perturbar a união.

43 - Como serão punidas no Purgatório as pessoas que pecaram contra a caridade?

Madre Freffier, superiora de Santa Margarida Maria Alacoque, relata em suas Memórias:

“Tomei conhecimento, por meio da Irmã Margarida, que um dia ela rezava por duas

peessoas de alta posição no mundo, que tinham falecido recentemente.

Ela viu ambas no Purgatório. Uma estava lá condenada a sofrer por vários anos, apesar do grande número de Missas que eram celebradas por ela.

Todas as preces e sufrágios por sua alma eram, pela Justiça Divina, aplicadas às almas de pessoas pertencentes a algumas famílias de seus subordinados, que ele tinha arruinado por sua injustiça e falta de caridade.

Como nada tinha sido deixado a essa pobre gente que lhe permitisse ter orações oferecidas por eles depois da morte, Deus compensava dessa maneira. A outra estava no Purgatório por tantos dias quantos anos tinha vivido na terra. Nosso Senhor revelou a Santa Margarida Maria que, entre as boas obras que essa pessoa tinha feito, Ele tinha tomado em especial consideração a Caridade com que tinha suportado as faltas do próximo e as dores que tinha sofrido para superar o desprazer que tinham a ela causado”.

44 - Que outro pecado Deus pune severamente no Purgatório?

Há uma outra desordem na alma que Deus pune severamente no Purgatório, a saber, o abuso da graça.

Por abuso da graça se entende a negligência em corresponder às ajudas que Deus nos dá, e aos convites que Ele nos imprime para a prática da virtude e a santificação de nossa alma.

Essa graça que Ele nos oferece é um precioso dom, que não devemos jogar fora. Ela é a semente da salvação e do mérito, que não é permitido deixar improdutiva.

Por exemplo: eu recebo de Deus os meios para dar esmolas; uma voz interior me convida a fazê-lo. Fecho meu coração, ou a dou com uma miserável mão. Isso é um abuso da graça.

Posso assistir Missas, sermões, frequentar os Sacramentos; uma voz interior induz-me a isso, mas eu não quero dar-me a esse trabalho. Isso é um abuso da graça. Esse pecado será punido severamente no Purgatório.

45 - Como serão julgados os que têm cargo de mando?

Se Deus é severo para com o rico e o que busca só os prazeres do mundo, não o será menos para com os governantes, magistrados, pais e, em geral, para com todos os que têm encargo das almas e autoridade sobre elas.

46 - Qual será o prêmio dos que tiverem sido misericordiosos na terra?

A Venerável Paula de Santa Teresa tinha uma extraordinária devoção para com a Igreja Padecente, pela qual foi premiada com muitas visões milagrosas. Um dia em que ela estava rezando fervorosamente nessa intenção, foi transportada em espírito ao Purgatório, onde viu grande número de almas mergulhadas nas chamas.

Perto delas, viu nosso Salvador, assistido por seus Anjos, apontando uma alma após outra, que Ele queria levar para o Céu, para onde elas acendiam com transportes de alegria.

À vista disso, a serva de Deus perguntou a seu divino Esposo: “***Por que, Jesus, essa escolha entre tamanha multidão?***”.

Ele dignou-se a responder:

“Eu libertei aquelas que durante a vida praticaram grandes atos de caridade e misericórdia, e que mereceram que Eu cumprisse minha promessa em relação a elas: Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles encontrarão misericórdia”.

47 - Há diversidade nas penas do Purgatório?

De acordo com os Santos, há uma grande diversidade nas penas corporais do Purgatório. Se bem que o fogo seja o principal instrumento de tortura, há também o tormento do frio, a tortura dos membros, e a tortura aplicada aos diferentes sentidos do corpo humano. A diversidade de sofrimentos parece corresponder à natureza dos pecados, cada um dos quais pede sua própria punição, de acordo com estas palavras: ***Quia per quae peccat quis, per haec et torquetur*** - Pelas coisas com que pecou, será também atormentado (Sb, 11, 17).

É justo que seja assim com relação ao castigo, uma vez que a mesma diversidade existe na distribuição do prêmio. No Céu cada um recebe de acordo com suas obras.

Como diz o Venerável Beda, cada um recebe sua própria coroa, sua veste de glória. Para o mártir a veste é de uma rica cor de púrpura, enquanto que a do confessor tem o brilho de uma deslumbrante brancura.

48 - Há exemplo da diversidade das penas?

A vida da Venerável Madre Francisca do Santíssimo Sacramento, uma religiosa de Pamplona, apresenta vários fatos que mostram que as penas do Purgatório adaptam-se às faltas que devem ser expiadas.

Essa venerável serva de Deus tinha a mais íntima comunicação com as almas do Purgatório, de tal modo que elas vinham em grande número e enchiam sua cela, cada uma esperando humildemente sua vez de ser assistida por suas preces.

Frequentemente, o modo mais fácil de excitar sua compaixão era aparecer-lhe com os instrumentos de seus pecados, agora tornados instrumentos de sua tortura.

Um dia ela viu uma religiosa rodeada por custosas peças de decoração, como quadros, poltronas, etc., tudo em chamas.

Ela havia colecionado essas coisas em sua cela, contrariamente a seu voto de pobreza religiosa, e após sua morte isso tornou-se seu tormento.

Um advogado apareceu-lhe um dia com todas as insígnias de sua profissão. Rodeando-o, as chamas que delas saíam provocavam-lhe os mais intensos sofrimentos, e ele disse:

“Eu usei esta pena, esta tinta, este papel para causas ilícitas.

Eu também tinha uma paixão em jogar, e cada uma dessas cartas, que eu sou forçado a segurar continuamente em minhas mãos, agora constituem minha punição.

Essa bolsa em chamas contém meus ganhos ilícitos e fazem com que expie por eles”.

Disso tudo deveríamos tirar um grande e salutar ensinamento.

As criaturas são dadas ao homem como meio de servirem a Deus. Devem ser instrumentos de virtude e boas obras.

Se delas se abusa e se as tornam instrumentos de pecado, é justo que devam voltar-se contra ele, e tornar-se instrumentos de seu castigo.

49 - Como sofrem os que viveram no mundanismo e vida fácil?

As almas que se permitem ser ofuscadas pelas vaidades do mundo, mesmo que tenham a graça de escapar à danação², terão que sofrer terrível punição.

Abramos as ***Revelações de Santa Brígida***, que são tidas em muita estima pela Igreja.

Lemos no Livro VI que a Santa se viu transportada em espírito ao Purgatório, e que, entre outras, viu uma jovem senhora de alto nascimento que, em vida, tinha se abandonado ao luxo e às vaidades do mundo.

² privação total da presença e graça de Deus, para sempre.

Essa infeliz alma relatou-lhe a história de sua vida e o triste estado no qual então estava:

“Felizmente, antes da morte, eu confessei meus pecados com tal disposição, que escapei do Inferno. Mas agora sofro aqui para expiar a vida mundana que minha mãe não me impediu de levar. Ai de mim!

Esta cabeça que amava ser adornada, e que procurava atrair a atenção dos outros, está agora devorada por chamas, por dentro e por fora; essas chamas são tão violentas, que a cada momento parece-me que vou morrer.

Estes ombros, estes braços, que eu gostava de ver admirados, são cruelmente presos por cadeias de ferro em brasa.

Estes pés, anteriormente treinados para a dança, estão agora circundados por víboras que os dilaceram com seus dentes e sujam com sua gosma.

Estes membros que eu tinha adornado com jóias, flores e diversos outros ornamentos são agora presas da mais terrível tortura.

Ó mãe, ó mãe! Quão culpada és com relação a mim. Foste tu que, por uma indulgência fatal, encorajaste meu gosto para exibição e extravagantes despesas.

Foste tu que me levaste aos teatros, festas e bailes, e àquelas reuniões mundanas que são a ruína das almas”.

Já alertamos que o que é dito dos membros torturados não deve ser tomado literalmente, porque a alma está separada do corpo.

Mas Deus, suprimindo a falta de órgãos corporais, faz a alma sentir tais sensações como as descritas.

50 - O que dizer sobre o santo temor de Deus que se deve ter?

Consideramos até agora os rigores da Justiça Divina na outra vida.

Eles são terríveis, e é impossível neles pensar sem tremer.

Aquele fogo aceso pela Divina Justiça, aqueles terríveis sofrimentos, comparados aos quais as penitências dos Santos e todos os sofrimentos dos mártires juntos são como nada, quem há que se julgue capaz de olhá-los e não tremer de terror?

O temor é salutar e conforme ao espírito de Jesus Cristo. Nosso Mestre Divino deseja que tenhamos e não somente o Inferno, mas também o Purgatório, que é uma espécie mitigada de Inferno.

É para nos inspirar esse santo temor que Ele nos mostra as masmorras do Supremo Juiz, das quais não sairemos até que tenhamos pago o último ceitil.

51 - E sobre a confiança?

Não obstante nosso dever de viver bem, de pagar por nossos pecados neste mundo, e de termos bem fundados temores de que teremos que sofrer no Purgatório, devemos olhar para essa contingência com uma ilimitada confiança em Deus, que nunca falha em consolar aqueles que purifica pelos sofrimentos.

Para dar ao nosso temor um caráter prático, depois de termos contemplado o Purgatório em todo o rigor de suas dores, devemos apresentar essa compensação da confiança considerando-o sob outro aspecto e diferente ponto de vista - o da Misericórdia de Deus, que lá não brilha menos que sua Justiça.

52 - No Purgatório a justiça de Deus é também temperada pela misericórdia?

Se Deus reserva terríveis castigos na outra vida por nossas faltas, não os inflige sem temperá-los ao mesmo tempo com a clemência.

E nada nos mostra melhor a admirável harmonia da perfeição divina que o Purgatório, porque a mais severa Justiça é lá exercida junto à mais inefável Misericórdia.

Se Nosso Senhor castiga aquelas almas que lhe são caras, é em seu amor, de acordo com as palavras: “***Eu, aos que amo, repreendo e castigo*** (Ap 3, 19).

Com uma mão Ele golpeia, com a outra cura.

Oferece misericórdia e redenção em abundância:

Quoniam apud Dominum misericordia, et apud eum redemptio - Porque no Senhor está a misericórdia, e há nele copiosa redenção (Sl 129, 7).

53 - Assim, devemos ter confiança na misericórdia de Deus quando pensamos no Purgatório?

Essa infinita Misericórdia de nosso Pai Celestial deve ser o firme fundamento de nossa confiança.

E, segundo o exemplo dos Santos, devemos mantê-la sempre diante de nossos olhos. Os Santos nunca a perderam de vista. E é por essa razão que o temor do Purgatório nunca os privou de sua paz e alegria no Espírito Santo.

É verdade que não atingimos esse alto grau de Caridade, mas não há ninguém que não possa ter confiança na Misericórdia Divina.

Essa Misericórdia é infinita e difunde paz em todas as almas que a têm constantemente diante dos olhos e nela confiam.

54 - Há exemplo de como deve ser essa confiança na misericórdia divina?

Santa Ludovina, que tão bem conhecia a terrível severidade do sofrimento expiatório (havia sido levada ao Purgatório em espírito várias vezes), estava animada com esse espírito de confiança e esforçava-se em inspirá-lo aos outros.

Um dia ela recebeu a visita de um piedoso sacerdote. Estando ele sentado ao lado de sua cama com outras piedosas pessoas, a conversa recaiu sobre os sofrimentos da outra vida.

Vendo nas mãos de uma mulher um jarro cheio de sementes de mostarda, o sacerdote aproveitou a ocasião para dizer que ele tremia quando pensava no fogo do Purgatório. E acrescentou:

“Entretanto eu ficarei muito satisfeito de ir para lá tantos anos quantas sementes de mostarda há nesse vaso. Então, pelo menos estarei certo de minha salvação”.

“O que dizeis, Padre? - replicou a Santa —. Por que tão pouca confiança na Misericórdia de Deus? Ah! Se vós tivésseis um melhor conhecimento do que é o

“Purgatório, e de quão terríveis tormentos são lá sofridos! Que o Purgatório seja como for. Eu persisto no que disse” - afirmou o sacerdote.

Alguns tempos depois esse sacerdote faleceu, e as mesmas pessoas que tinham estado presentes durante a conversa com Santa Ludovina perguntaram a ela qual era sua condição na outra vida.

Ela respondeu:

“O falecido está bem, por causa de sua vida virtuosa. Mas ter-lhe-ia sido melhor se tivesse tido mais confiança na Paixão de Jesus Cristo, e uma visão mais branda em matéria do Purgatório”.

55 - Como é exercida a misericórdia de Deus no Purgatório?

A Misericórdia de Deus é exercida no Purgatório de três modos:

- 1) consolando as almas;
- 2) mitigando seus sofrimentos;
- 3) concedendo outros mil modos de evitar esses fogos punitivos.

56 - Como Deus consola a alma no Purgatório?

Em primeiro lugar, no Purgatório Deus consola as almas pessoalmente, consola-as através da Santíssima Virgem, e através dos santos Anjos.

Ele consola as almas inspirando nelas um alto grau de fé, esperança e amor divino - virtudes que nelas produzem conformidade com a Divina vontade, resignação e a mais perfeita paciência.

Diz Santa Catarina de Gênova:

“Deus inspira na alma do Purgatório um tão ardente movimento de devotado amor, que seria suficiente para a aniquilar, não fosse ela imortal.

Iluminada e inflamada por essa pura caridade, quanto mais ela ama a Deus, tanto mais detesta a menor mancha que O desagrada, o menor obstáculo que impede sua união com Ele.

Assim, se a alma pudesse encontrar outro Purgatório mais terrível que aquele ao qual está condenada, essa alma nele mergulharia, impelida pela

impetuosidade do amor que existe entre Deus e ela, para ser mais rapidamente livre de tudo que a separa do Soberano Deus”.

57 - É o Espírito Santo que dá contentamento à alma no Purgatório?

O contentamento no meio dos mais intensos sofrimentos que têm as almas no Purgatório não pode ser explicado senão pelas divinas consolações que o Espírito Santo lhes infunde.

O Divino Espírito, por meio da fé, esperança e caridade, as coloca na disposição de uma pessoa doente que tem que se submeter a um muito doloroso tratamento, mas cujo efeito é restaurá-lo à perfeita saúde. O doente sofre, mas ama esse salutar sofrimento.

O Espírito Santo, o Confortador, dá um contentamento similar às santas almas.

58 - Como a Santíssima Virgem consola as almas do Purgatório?

As almas do Purgatório recebem também grande consolação da Santíssima Virgem.

Não é Ela a **Consoladora dos Aflitos**? E que maior aflição pode ser comparada à das pobres almas no Purgatório? Não é Ela a **Mãe de Misericórdia**? E não é para com essas santas almas padecentes que Ela mostra toda a misericórdia de seu Coração?

Não devemos nos surpreender portanto de que nas “**Revelações de Santa Brígida**” a Rainha do Céu se dá o belo nome de **Mãe das Almas do Purgatório**

“Eu sou a Mãe de todos aqueles que estão no lugar de expiação. Minhas preces mitigam os castigos que lhes são infligidos por suas faltas”.

59 - Há exemplo desse apoio de Nossa Senhora?

É relatado na vida do grande servo de Maria, Beato Ranier de Cister, que ele tremia pensando em seus pecados e na terrível Justiça de Deus depois de sua morte.

Com esse temor, dirigindo-se à sua grande Protetora - que se chama a si própria Mãe de Misericórdia - ele foi raptado em espírito e viu a Mãe de Deus suplicando a seu Divino Filho em seu favor.

“Meu Filho, trate-o misericordiosamente no Purgatório, porque ele se arrepende humildemente de seus pecados”. “Minha Mãe - respondeu Jesus –, coloco sua causa em vossas mãos”.

O que quer dizer: fazei ao vosso devoto de acordo com vosso desejo. O Beato Ranier entendeu, com inexprimível alegria, que Maria lhe tinha obtido isenção do Purgatório.

60 - Há dias especiais nos quais a Rainha do Céu socorre as almas do Purgatório?

É especialmente em certos dias que a Rainha do Céu exerce sua misericórdia no Purgatório. Esses dias privilegiados são, primeiro, todos os sábados; depois, os diferentes dias das festas da Santíssima Virgem, que se tornam assim festivos no Purgatório.

Vemos nas revelações dos Santos que no sábado, dia especialmente consagrado à Santíssima Virgem, a doce Mãe de Misericórdia desce às prisões do Purgatório para visitar e consolar seus devotados servos.

Então, de acordo com a piedosa crença dos fieis, Ela livra as almas que, tendo usado o santo escapulário do Carmo, gozam do Privilégio Sabatino³; e depois dá alívio e consolação às outras almas que tenham sido particularmente suas devotas.

³ Para os que usam fielmente e de acordo com as normas da Igreja o Escapulário do Carmo, Nossa Senhora prometeu, além de não deixar morrer em estado de pecado mortal, livrar as almas do purgatório no primeiro sábado após a sua morte.

61 - Há algum exemplo desta ação de Nossa Senhora?

Uma testemunha disso foi a Venerável Irmã Paula de Santa Teresa, religiosa dominicana do convento de Santa Catarina, em Nápoles.

Tendo sido raptada em êxtase num sábado, e transportada em espírito ao Purgatório, ela ficou muito surpresa de o encontrar transformado em um Paraíso de delícias, iluminado por uma luz brilhante em vez das trevas costumeiras.

Enquanto cogitava em qual seria a causa dessa mudança, percebeu a Rainha do Céu rodeada de uma multidão de Anjos, a quem Ela dava ordens de libertar as almas que a tinham honrado de maneira especial, e conduzi-las ao Céu.

62 - Que outros dias Nossa Senhora liberta as almas do Purgatório?

Se isso acontece num sábado ordinário, podemos dificilmente duvidar de que o mesmo ocorra nos dias de festas consagrados à Mãe de Deus. Entre todas suas festas, a de sua gloriosa Assunção aos Céus parece ser o dia principal de libertação.

São Pedro Damião (1001-1072) nos diz que cada ano, no dia da Assunção, a Santíssima Virgem livra vários milhares de almas do Purgatório.

Segundo esse Santo, ***“é um costume piedoso que existe entre o povo de Roma visitar as igrejas, com uma vela na mão, durante a noite que precede a festa da Assunção”***.

Ora, sucedeu que um dia uma pessoa de alta posição, estando ajoelhada na basílica de Ara-Coeli, no Capitólio, viu diante de si, prostrada em oração, outra senhora, sua madrinha, que tinha morrido vários meses antes.

Perguntou-lhe: ***“A senhora não é minha madrinha, que me levou à pia batismal?”***. ***“Sim, sou eu ”***, respondeu a aparição. ***“Mas como a encontro entre os vivos, se morreu há mais de um ano?”***, perguntou a afilhada. ***“Até este dia eu estive mergulhada num horrível fogo por causa de muitos pecados de vaidade que cometi em minha juventude. Mas, nesta grande solenidade, a Rainha do Céu desceu no meio das chamas do Purgatório e me livrou, com um grande número de outras almas, para que eu possa entrar no Céu na festa da Assunção. Ela pratica essa clemência todos os anos. E o número das almas***

libertas somente nesta ocasião iguala ao da população de Roma”.

Vendo que a afilhada permanecia estupefata e parecia duvidar da evidência do que via, a aparição acrescentou:

“Como prova da verdade das minhas palavras, saiba que você morrerá daqui a um ano, na festa da Assunção; se viver mais depois dela, acredite que isto é uma ilusão”.

A jovem senhora passou o ano no exercício de boas obras, preparando-se para comparecer diante de Deus; e no ano seguinte, na vigília da Assunção, caiu doente e morreu no próprio dia da festa, como lhe tinha sido predito.

A festa da Assunção é, pois, o grande dia para a misericórdia de Maria para com as pobres almas. Ela se alegra em introduzir seus filhos na glória do Céu no aniversário do dia em que Ela entrou pela primeira vez por suas benditas portas.

Essa piedosa crença, acrescenta São Pedro Damiano, funda-se em grande número de revelações particulares. É por essa razão que, em Roma, a igreja de Santa Maria em

Montorio, que é o centro da arquiconfraria dos ***Sufrágios pelos mortos***, está dedicada sob o título da Assunção.

63 - Além de consolações de Deus e de Nossa Senhora, é verdade que os Anjos também consolam as almas do purgatório?

Além das consolações que as almas recebem da Santíssima Virgem, no Purgatório, também são assistidas e consoladas pelos santos Anjos, e especialmente por seus Anjos da Guarda.

Os Doutores da Igreja ensinam que a missão tutelar do Anjo da Guarda termina só com a entrada de seu protegido no Paraíso.

Se, no momento da morte, uma alma em estado de graça não é ainda digna de ver a face do Altíssimo, o Anjo da Guarda a conduz ao lugar da expiação, e lá permanece com ela para obter-lhe toda a assistência e consolação que está em seu poder.

Se os santos Anjos se interessam pelas almas do Purgatório em geral, é fácil compreender que têm um zelo particular por seus protegidos.

É opinião comum entre os santos Doutores, diz o Padre Rossignoli, que Deus, que um dia enviará seus Anjos para reunir os eleitos, também os envia de tempos em tempos ao Purgatório, para lá visitar e consolar as almas padecentes.

Não há dúvida de que não pode haver nenhum alívio mais precioso que a vista desses habitantes do Céu, dessa bendita morada para a qual um dia irão, a fim de gozar de sua eterna felicidade.

As revelações de Santa Brígida estão cheias de exemplos dessa natureza, e as vidas de muitos Santos também fornecem um grande número.

64 - Dê-nos alguns exemplos

Pedro de Bastos, irmão coadjutor da Companhia de Jesus, a quem seu biógrafo chama de “Afonso Rodrigues do Malabar” (na Índia), faleceu em odor de santidade em Cochim, no dia 1o de março de 1645.

Tinha uma profunda devoção às almas do Purgatório, encorajada e secundada pelo seu Anjo da Guarda.

Além de seus inúmeros trabalhos, recitava diariamente o rosário pelos falecidos. Um dia, tendo se esquecido disso, foi deitar-se.

Mal tinha adormecido, entretanto, foi acordado pelo seu Anjo da Guarda, que lhe disse “***Meu filho, as almas do Purgatório esperam o benefício de sua esmola diária***”. Pedro levantou-se imediatamente, para cumprir esse dever de piedade.

65 - Também os santos consolam as almas do Purgatório?

Assim como os Anjos de Deus consolam as almas do Purgatório, pode-se perguntar se os Santos e os bem-aventurados já coroados no Céu podem assisti-las.

É certo, diz o Padre Rossignoli - e tal é o ensinamento de todos os mestres em teologia, Santo Agostinho e São Tomás –, que os Santos são muito poderosos a este respeito, por meio da súplica, ou, como dizemos, ***impetração***, mas não da satisfação.

Em outras palavras, os Santos no Céu podem rezar pelas almas, e desse modo ***obtêm*** da Divina Misericórdia uma diminuição de seus sofrimentos.

Mas eles não podem **satisfazer** por elas, nem pagar seus débitos para com a Justiça Divina. Esse é um privilégio que Deus reserva à Igreja Militante; portanto, a nós.

66 - Desse modo, o que a Igreja Militante pode fazer pelas almas do Purgatório?

Se Deus consola as almas do Purgatório com tanta bondade, sua misericórdia brilha mais claramente ainda no poder que dá à Igreja para abreviar a duração de seus sofrimentos.

Desejando executar com clemência a severa sentença de sua Justiça, concede Ele diminuição e mitigação das penas. Mas faz isso de maneira indireta, através da intervenção dos vivos.

A nós Ele dá todo poder para socorrer nossos aflitos falecidos por meio do **sufrágio**, isto é, pelos meios da **impetração** e da **satisfação**.

67 - O que quer dizer “sufrágio”?

A palavra **sufrágio**, em linguagem eclesiástica, é sinônimo de **prece**; contudo, quando o Concílio de Trento declara

que as almas do Purgatório são assistidas pelos ***sufrágios dos fiéis***, o sentido da palavra é mais compreensível.

Inclui, em geral, tudo o que se pode oferecer a Deus pelos falecidos. Podemos assim oferecer a Deus não somente nossas preces, mas também nossas boas obras, desde que sejam elas ***impetratórias*** ou ***satisfatórias***.

68 - Que valor têm nossas obras aos olhos de Deus?

Para entender esses termos, lembremo-nos de que cada uma de nossas boas obras **feitas em estado de graça**, possui ordinariamente um tríplice valor aos olhos de Deus:

- 1 - A obra é *meritória***; quer dizer, aumenta nosso mérito, dá-nos direito a um novo grau de glória no Céu
- 2 - É *impetratória*** (impetrar, obter); quer dizer, como uma prece, ela tem a virtude de nos obter algumas graças de Deus;
- 3 - É *satisfatória***; quer dizer que tendo, por assim dizer, um valor pecuniário, pode satisfazer à

Divina Justiça e pagar nossas dívidas da punição temporal diante de Deus.

O mérito é inalienável e permanece propriedade da pessoa que faz a ação. Pelo contrário, os valores impetratórios ou satisfatórios podem beneficiar outros, em virtude da Comunhão dos Santos.

69 - Quais são os *sufrágios* pelos quais, de acordo com a doutrina da Igreja, podemos ajudar as almas do Purgatório?

Consistem nas orações, esmolas, jejuns e penitências de qualquer gênero, em indulgências, e sobretudo no Santo Sacrifício da Missa.

Nosso Senhor Jesus Cristo permite-nos oferecer todas as obras feitas em estado de graça, à Divina Majestade, para alívio de nossos falecidos no Purgatório.

E Deus as aplica a elas de acordo com sua Justiça e Misericórdia.

70 - As obras que oferecemos pelas almas do Purgatório são também de proveito para nós?

Por esse admirável acordo (da Justiça com a Misericórdia), enquanto protegendo os direitos de sua Justiça, nosso Pai Celeste multiplica os efeitos de sua Misericórdia, que é assim exercida ao mesmo tempo em favor da Igreja Padecente e da Igreja Militante.

A misericordiosa assistência que Ele nos permite dar aos nossos parentes padecentes é de excelente proveito para nós.

É uma obra não só vantajosa para nossos falecidos, mas também santa e salutar para os vivos.

71 - Há exemplo dos sufrágios da Igreja tirando almas do Purgatório?

Lemos nas Revelações de Santa Gertrudes que Deus dignou-se mostrar à Santa o estado de uma humilde religiosa de sua comunidade, tendo coroado uma vida exemplar com piedosa morte, na sua vida no purgatório.

Gertrudes viu sua alma adornada com inefável beleza, e cara a Jesus, que a olhava com amor. No entanto, por causa de algumas ligeiras negligências ainda não reparadas, ela não pôde entrar no Céu, mas foi obrigada a descer na triste morada do sofrimento. Mal havia ela

desaparecido em suas profundidades, a Santa a viu sair e subir em direção ao Céu, lá transportada pelos sufrágios da Igreja.

72 - Qual é o sacrifício por excelência, da Nova Lei, pelos mortos?

Na Nova Lei nós temos o Santo Sacrifício da Missa, do qual os diversos sacrifícios da Lei Mosaica não eram senão fracas figuras.

O Filho de Deus o instituiu não somente como uma digna homenagem dada pela criatura à Divina Majestade, mas também como uma propiciação para os vivos e mortos. Quer dizer, um meio eficaz de aplacar a Justiça de Deus provocada por nossos pecados.

Cada Santa Missa segura a cólera de Deus contra o mundo e contra os pecadores.

73 - É antigo o costume de se celebrar a Missa pelos falecidos?

O Santo Sacrifício da Missa foi celebrado pelos falecidos já no tempo da fundação da Igreja. “Celebramos o aniversário do triunfo dos mártires - escreve Tertuliano no

século terceiro - e, de acordo com a tradição de nossos pais, oferecemos o Santo Sacrifício pelos que partiram, no aniversário de sua morte”.

Escreve Santo Agostinho:

“Não pode haver dúvida de que as orações da Igreja, o Santo Sacrifício, e esmolas distribuídas pelos falecidos, aliviam essas santas almas e movem a Deus a tratá-las com mais clemência do que seus pecados merecem.

É a prática universal da Igreja, que ela observa como tendo recebido de seus primeiros pais - quer dizer, os Santos Apóstolos”.

Santa Mônica, a digna mãe de Santo Agostinho, quando estava para expirar, pediu uma só coisa a seu filho: que ele a lembrasse no altar de Deus.

E o santo Doutor, quando relatando essa tocante circunstância em seu livro das Confissões, roga a todos os seus leitores que se unam a ele, recomendando sua alma a Deus durante o Santo Sacrifício da Missa.

74 - O Santo Sacrifício da Missa é o que de mais precioso pode-se oferecer pelas almas do Purgatório?

De tudo que podemos fazer em favor das almas do Purgatório, não há nada mais precioso que a imolação de nosso Divino Salvador sobre o altar.

Além de ser a expressa doutrina da Igreja, manifestada em seus Concílios, muitos fatos miraculosos, propriamente autenticados, não deixam lugar para dúvida com relação a esse ponto.

Admirar-nos-emos menos dos poderosos efeitos da Santa Missa se tivermos em mente que é identicamente o mesmo que foi oferecido pelo próprio Filho de Deus na cruz.

É o mesmo Sacerdote, diz o Concílio de Trento, é a mesma Vítima, e a única diferença está na maneira da imolação; na cruz a imolação foi sangrenta, e no altar é incruenta.

O sacrifício da cruz teve um valor infinito; o do altar, aos olhos de Deus, tem igual valor. Ressaltemos, no entanto,

que a eficácia desse Divino Sacrifício é só parcialmente aplicada aos mortos, e numa medida sabida somente pela Justiça de Deus.

A Paixão de Jesus Cristo e seu Precioso Sangue, derramado por nossa salvação, são um oceano inexaurível de mérito e satisfação.

É em virtude dessa Paixão que obtemos todos os dons e mercês de Deus. A mera comemoração que dela fazemos pela oração, quando oferecemos a Deus o Sangue de seu único Filho para implorar sua misericórdia, essa mesma oração, fortalecida pela Paixão de Jesus Cristo, tem um grande poder junto a Deus. **75 - Qual o efeito do Santo Sacrifício aplicado às almas do Purgatório?**

Os Anais da Ordem Seráfica nos falam de um religioso chamado João de Alvernia.

Ele amava ardentemente Nosso Senhor Jesus Cristo e abraçava no mesmo amor todas as almas resgatadas por seu Sangue e tão caras ao seu Coração.

Aquelas que sofriam nas prisões do Purgatório tinham uma larga participação em suas preces, penitências e sacrifícios.

Um dia aprouve a Deus manifestar-lhe os admiráveis e consoladores efeitos do Divino Sacrifício oferecido em todos altares em Finados.

O servo de Deus estava celebrando Missa pelos falecidos nessa solenidade, quando entrou em êxtase.

Viu o Purgatório aberto, e dele as almas saindo libertadas pela virtude do Sacrifício de Propiciação.

Elas assemelhavam-se a inumeráveis fagulhas que saem de uma fornalha em chamas.

76 - Como Deus recompensa quem auxilia as almas do Purgatório?

O célebre Pe. Lacordaire, no começo de suas conferências sobre a imortalidade da alma, relatava o seguinte fato:

Um príncipe polonês de X, conhecido infiel e materialista, tinha composto um trabalho contra a imortalidade da alma.

Estava para mandá-lo para a imprensa, quando um dia, caminhando em seu parque, uma mulher banhada em lágrimas lançou-se a seus pés, e com acentos de profunda dor lhe disse:

“Meu bom Príncipe, meu marido acaba de morrer. Nesse momento sua alma talvez esteja sofrendo no Purgatório.

E eu estou em tal pobreza, que não tenho sequer a pequena soma para mandar celebrar uma Missa por sua alma. Em vossa bondade, vinde em meu auxílio em favor de meu pobre marido”.

Se bem que o nobre estivesse convencido de que a mulher estava enganada por causa de sua credulidade, não teve a coragem de recusar o que pedia.

Escorregou uma moeda de ouro em sua mão, e a feliz mulher correu à igreja e pediu a um padre que celebrasse algumas Missas pelo repouso da alma de seu marido.

Cinco dias depois, à noite, o príncipe estava na reclusão de seu escritório lendo o manuscrito e retocando alguns detalhes, quando, levantando os olhos, viu junto a si um homem vestido com o traje dos camponeses de seu país.

“Príncipe - disse-lhe o desconhecido visitante - venho agradecer-vos. Sou o marido da pobre mulher que vos pediu, dias atrás, uma esmola para que pudesse mandar celebrar o Santo Sacrifício da Missa pelo repouso de minha alma. Vossa caridade agradou a Deus. Foi Ele que me permitiu vir agradecer-vos”

Ditas estas palavras, o camponês desapareceu como uma sombra. A emoção do príncipe foi indescritível. Em conseqüência atirou seu manuscrito ao fogo, e entregou-se tão inteira e convictamente à convicção da verdade, que sua conversão foi completa. Ele perseverou até a hora da morte.

77 - Que outros meios temos para auxiliar as almas do Purgatório além da Missa?

Depois do Santo Sacrifício da Missa, temos uma multidão de meios secundários, se bem que muito eficazes, para

aliviar as santas almas, se os empregamos com espírito, fé e fervor.

A - A Oração: o rosário

Em primeiro lugar vem a oração, em todas suas formas. Sabemos que o Santo Rosário tem o primeiro lugar entre todas as orações que a Igreja recomenda aos fieis. Essa excelente prece, fonte de tantas graças para os vivos, é também singularmente eficaz no alívio dos falecidos.

Disso temos tocante prova na Vida do Padre Nieremberg. Esse caridoso servo de Deus impôs-se freqüentes mortificações, acompanhadas de devoções e preces pelo alívio das pobres almas padecentes. Ele nunca omitia de rezar o rosário diariamente em sua intenção, e ganhava para elas todas as indulgências ao seu alcance.

O terço que ele usava estava ornamentado com piedosas medalhas e enriquecido com numerosas indulgências. Sucedeu que um dia ele o perdeu e ficou inconsolável. Procurou em toda parte sem resultado. À noite foi obrigado a rezar, em vez do seu rosário indulgenciado, num de preces comuns.

Quando ele o fazia só, em sua cela, ouviu um ruído no teto, como o de contas, e que lhe era muito conhecido; levantando os olhos, viu seu terço sustentado por mãos invisíveis, que o deixaram cair aos seus pés. Não duvidou que essas mãos invisíveis eram das almas que tinham sido livres pela reza do rosário.

B - Jejuns, Penitências e Mortificações

Depois da oração vem o jejum. Não somente o jejum propriamente dito, que consiste em abster-se de alimento, mas também todo trabalho penitencial de qualquer natureza que seja.

Deve ser ressaltado aqui que não se trata apenas das grandes austeridades praticadas pelos Santos, mas de todas as tribulações, todas as contradições desta vida, como também das pequenas mortificações, os pequenos sacrifícios que nos impomos ou aceitamos por amor de Deus, e que oferecemos à Divina Misericórdia para alívio das santas almas.

Um copo de água que nos recusamos quando temos sede é uma pequena coisa.

Se consideramos o ato em si, dificilmente veremos a eficácia que possui para aliviar os sofrimentos do Purgatório. Mas tal é a Divina Bondade, que se digna a aceitar isso como um sacrifício de grande valor.

C - A Santa Comunhão

Se as boas obras ordinárias obtêm tanto alívio para as almas, qual não será o efeito da obra mais santa que um católico pode efetuar, como a Santa Comunhão?

Um exemplo no-lo comprova. O Pe. Rossignoli, já citado, diz que havia no seu tempo um santo costume estabelecido nas igrejas da Companhia de Jesus, de oferecer uma Comunhão mensal em benefício das almas do Purgatório. E que Deus se dignou mostrar por um prodígio quanto essa prática Lhe era agradável.

No ano de 1615, quando os Padres de Roma promoviam essa Comunhão mensal na igreja de Nossa Senhora do Trastevere, havia uma multidão presente.

Entre os fieis estava um conhecido pecador, que tinha levado durante muito tempo péssima vida.

Esse homem, antes de entrar na igreja, havia visto vindo ao seu encontro um homem de aparência humilde, que

lhe pediu uma esmola pelo amor de Deus. A princípio ele recusou, mas o pobre homem insistiu mais duas vezes, e ia se retirando ante a recusa. O nosso pecador, finalmente, cedendo a alguma boa inspiração, chamou-o de volta e deu-lhe uma moeda.

Então o mendigo mudou sua linguagem e disse-lhe:

“Fica com teu dinheiro. Eu não tenho necessidade de tua liberalidade. Mas tu tens grande necessidade de mudar de vida. Saiba que foi para te dar este salutar aviso que vim do Monte Gargano.

Hoje fazem vinte anos desde que começaste a levar essa deplorável vida, provocando a ira de Deus em vez de a aplacar com uma sincera confissão. Apressa-te em fazer penitência, se queres escapar do golpe da Divina Justiça, pronto a cair sobre tua cabeça”.

O libertino ficou abalado com essas palavras. Entrando na igreja, procurou um confessor, fez uma boa confissão, e recebeu a absolvição dos seus crimes.

Uma vez que o suposto mendigo disse ter vindo do Monte Gargano, supõe-se que fosse o próprio Arcanjo São Miguel, que é venerado nesse Santuário.

E - A Via Sacra

Depois da Santa Comunhão, falaremos da Via Sacra. Esse santo exercício pode ser considerado em si mesmo e nas indulgências com que é enriquecido. Em si, é uma solene e muito excelente maneira de meditar na Paixão de nosso Salvador, e, conseqüentemente, o mais salutar exercício de nossa santa religião.

Permitindo a ereção das estações da Via Sacra nas igrejas, os Romanos Pontífices, que entenderam toda a excelência e eficácia dessa devoção, dignaram-se também enriquecê-las com todas as indulgências que tinham concedido à real visita à Terra Santa.

Assim, aqueles que fizerem a Via Sacra com as disposições próprias ganharão todas as indulgências concedidas aos fieis que visitam pessoalmente os Santos Lugares de Jerusalém, e essas indulgências são aplicáveis aos mortos.

Desse modo essa devoção, tanto pela soma de suas excelências, quanto pelas indulgências, constitui um sufrágio do maior valor para as Santas Almas.

F - Indulgências

Passemos para as indulgências aplicáveis aos mortos. Aqui a Divina Misericórdia se revela com prodigalidade. Sabemos que uma indulgência é a remissão da punição temporal devida ao pecado, concedida pelo poder das Chaves, fora do Sacramento da Penitência.

Em virtude do poder das Chaves, que recebeu de Jesus Cristo, a Igreja pode libertar os fieis de qualquer obstáculo à sua entrada na glória.

Ela exerce esse poder no Sacramento da Penitência, em que os absolve de seus pecados. Ela o exerce também fora desse Sacramento, remitando o débito da punição temporal que permanece depois da absolvição. Nesse segundo caso, é a indulgência.

A remissão da punição temporal pelas indulgências é concedida aos fieis somente nesta vida. Mas a Igreja pode autorizá-los a transferir a seus amigos falecidos a

remissão concedida a eles. Essa é a indulgência aplicável às almas do Purgatório.

Aplicar uma indulgência ao falecido é oferecê-la a Deus em nome de sua Santa Igreja, para que Ele possa dignar-se a empregá-la para o benefício das almas padecentes.

Essas satisfações assim oferecidas à Divina Justiça em nome de Jesus Cristo são sempre aceitas, e Deus as aplica para alguma alma em particular, ou para certas almas que Ele quer beneficiar, ou a todas em geral.

G - Esmolas

São Tomás, o Doutor Angélico, dá preferência às esmolas que ao jejum e à oração, quando se trata da expiação das faltas: “Esmolas possuem mais completamente a virtude da satisfação que a prece, e esta mais completamente que o jejum”. Essa é a razão pela qual os grandes servos de Deus e grandes Santos a escolheram como principal meio de assistir os falecidos.

A esmola cristã, essa misericórdia que Jesus Cristo tanto recomenda em seu Evangelho, compreende não só a assistência corporal aos necessitados, mas também todo

bem que fazemos ao nosso próximo, trabalhando para sua salvação, suportando seus defeitos e perdoadando suas ofensas.

Todas essas obras de caridade podem ser oferecidas a Deus pelos falecidos, e contêm grande virtude satisfatória.

78 - Por que almas do Purgatório devem rezar?

Vimos os recursos e numerosos meios que a Divina Misericórdia colocou em nossas mãos para aliviar as almas do Purgatório. A quais devemos dar nossa assistência? Por quais rezar e oferecer sufrágios a Deus?

Devemos rezar por todos os fieis falecidos, ***omnium fidelium defunctorum***, de acordo com a expressão da Igreja.

Se bem que a piedade filial nos impõe deveres especiais no que se refere aos nossos pais e parentes, a caridade cristã nos ordena que rezemos por todos os fieis falecidos em geral, porque são todos nossos irmãos em Jesus Cristo, e todos nossos próximos, a quem devemos amar como a nós mesmos.

Pelas palavras fieis falecidos, a Igreja significa todos os que estão atualmente no Purgatório. Quer dizer, aqueles que não estão no Inferno nem são ainda dignos de serem admitidos na glória do Paraíso.

79 - Como podemos saber se uma alma está ou não no Purgatório?

Deus reservou a si esse conhecimento. Exceto quanto ao que a Ele aprouver mostrar, devemos permanecer na ignorância total do estado das almas na outra vida.

Deus raramente torna conhecido que uma alma esteja no Purgatório ou na glória do Céu.

E ainda mais raramente revela a reprovação de uma alma. Nessa incerteza, devemos rezar em geral, como a Igreja faz, por todos os fiéis que partiram desta vida, sem prejuízo das almas que queremos ajudar em particular.

80 - Fazemos bom uso dos meios que a Providência nos põe nas mãos para ajudarmos as almas do Purgatório?

A Misericórdia Divina colocou em nossas mãos, para o alívio das almas do Purgatório, meios poderosos e ricos

recursos. Fazemos abundante uso deles? Tendo-os em nosso poder para assistir as pobres almas, temos zelo suficiente em fazê-lo?

Quando exaltamos tão altamente o mérito das preces pelos mortos, não queremos de modo nenhum inferir que outras boas obras devem ser omitidas. Porque todas elas devem ser feitas de acordo com o tempo, lugar e circunstância.

Sobretudo as obras espirituais de Misericórdia, que têm por objeto a salvação das almas, são todas de igual excelência, e é somente em certas circunstâncias que devemos colocar a assistência aos mortos acima do zelo pela conversão dos pecadores.

Como muitos católicos fazem pouco ou nada pelos falecidos! E os que não os esquecem, os que têm suficiente caridade para ajudá-los com seus sufrágios, quão freqüentemente são faltos de zelo e de fervor!

81 - Devemos rezar sobretudo por nossos pais falecidos?

É uma estrita norma de Justiça para os filhos rezar pelos pais falecidos. Reciprocamente, os pais, por direito

natural, não podem esquecer-se diante de Deus dos filhos que os precederam na eternidade.

Há muitos pais que ficam inconsoláveis pela perda de um filho ou de uma filha muito querida, e que, em vez de rezar, derramam por eles apenas algumas infrutíferas lágrimas!

82 - Que benefícios gozamos por rezar pelas almas do Purgatório?

Vimos quão santa e meritória diante de Deus é a caridade para com as almas do Purgatório. Ela é também muito salutar para nós mesmos.

Se a excelência da obra já é em si um incentivo tão poderoso, as preciosas vantagens que dela derivam não são menos estimulantes.

Elas consistem, de um lado, das graças que recebemos em recompensa por nossa generosidade; e, de outro, do fervor cristão com o qual essa boa obra nos inspira.

Benditos os misericordiosos, porque eles encontrarão misericórdia, disse o Salvador (Mt 5,7). Bem-aventurado o

que cuida do necessitado e do pobre; o Senhor o livrará no dia mau (Sl 40,2).

83 - Que outros benefícios recebemos nessa devoção?

Tudo o que oferecemos a Deus em caridade para com os mortos, diz Santo Ambrósio em seu livro dos Ofícios, é mudado em mérito para nós, e o encontraremos, depois de nossa morte, acrescido cem vezes.

Além das vantagens que já consideramos, a caridade para com os falecidos é muito salutar aos que a praticam, porque os estimula no fervor no serviço de Deus e inspira-lhes os mais santos pensamentos.

Pensar nas almas do Purgatório é pensar nos sofrimentos da outra vida. É trazer à mente que todo pecado exige expiação nesta vida ou na outra. Quem não entende que é muito melhor fazer satisfação aqui, uma vez que os futuros castigos são tão terríveis?

Uma voz parece vir do Purgatório, repetindo estas palavras da Imitação:

“É melhor purgar aqui nossos pecados e cortar de vez nossos vícios agora, do que mantê-los e purgar por eles na vida futura”.

84 - É provável que vamos ao Purgatório?

Deixando esta terra, entraremos em uma das três moradas indicadas por nossa fé: Inferno, Céu ou Purgatório.

Iremos para o Inferno? Não é provável, porque temos um horror ao pecado mortal, e por nada neste mundo cometeríamos um, ou o conservaríamos em nossa consciência depois de tê-lo cometido.

Iremos para o Céu? Nossa resposta imediata é a de que nos julgamos indignos de tal favor. Resta, então, o Purgatório.

Temos que reconhecer que é muito provável, quase certo, que iremos para esse lugar de expiação.

Pondo essa grave verdade diante dos olhos, não pense, caro leitor, que é para assustá-lo ou tirar-lhe toda esperança de entrar no Céu sem Purgatório.

Pelo contrário, essa esperança deve permanecer sempre profundamente impressa em nossos corações, porque é o espírito de Jesus Cristo, que de nenhum modo deseja que seus discípulos tenham necessidade de futura expiação.

85 - Que meios temos nesta vida para abreviar nosso Purgatório na outra?

Nosso Senhor mesmo instituiu Sacramentos e estabeleceu toda sorte de meios para assistir-nos a fazer inteira satisfação neste mundo.

Esses meios que temos de empregar para evitar, ou pelo menos encurtar, nosso Purgatório, e mitigar seu rigor, são evidentemente aqueles das boas obras que muito nos ajudam a satisfazer por nossas faltas neste mundo e encontrar misericórdia diante de Deus.

Esses meios são:

- devoção à Santíssima Virgem e fidelidade em portar seu escapulário, merecendo assim o “privilégio sabatino”;***
- caridade para com os vivos e mortos;***
- mortificação e obediência;***

***-piedosa recepção dos Sacramentos,
especialmente ao aproximar-se a morte;
-confiança na Misericórdia Divina;
-aceitação da morte em união com a morte de
Jesus na Cruz.***

86 - O que podem fazer as benditas almas do Purgatório por nós?

O Beato Pedro Lefèvre, da Companhia de Jesus, tão conhecido por sua devoção para com os Anjos, tinha também especial devoção para com as almas do Purgatório.

Dizia ele:

“Essas almas têm entranhas de caridade, que estão sempre abertas para aqueles que ainda caminham em meio aos perigos desta vida; elas são cheias de gratidão para com aqueles que as assistem.

Elas podem rezar por nós e oferecer seus tormentos a Deus em nosso favor”.

87 - Como devemos ter temor do Purgatório sem perder a confiança?

Tendo São Francisco de Sales se encontrado um dia com um senhor temeroso em excesso pelo julgamento de Deus, disse-lhe:

“Aquele que tem um verdadeiro desejo de servir a Deus e evitar o pecado não pode, de modo algum, permitir-se ser atormentado pelo pensamento da morte e do julgamento.

Se deve temer, não é com o temor que abate e debilita o vigor da alma, mas um temor temperado com confiança, e, desse modo, salutar. Espera em Deus: aquele que nele espera não será confundido eternamente!”

88 - Quais os pensamentos finais que devemos ter depois de ter lido este catecismo?

Para que certos leitores, esquecidos da confiança cristã que deve temperar nossos temores, não se entreguem a um excessivo temor, terminamos com outro texto de São Francisco de Sales, que apresenta os sofrimentos do

Purgatório suavizados pelas consolações que os acompanham:

“Nós podemos tirar do pensamento do Purgatório muito mais consolação do que apreensão.

A grande parte daqueles que temem tanto o Purgatório pensam mais em seus próprios interesses do que nos interesses da glória de Deus.

Isso vem do fato de que eles pensam somente nos sofrimentos, sem considerar a paz e a felicidade que lá são desfrutadas pelas santas almas.

É verdade que os tormentos são tão grandes, que não têm comparação com os sofrimentos mais agudos desta vida.

Mas a satisfação interior que lá se goza é tanta, que nenhuma prosperidade nem contentamento desta terra a podem igualar.

No Purgatório as almas estão em contínua união com Deus e perfeitamente resignadas com sua vontade.

Ou melhor, sua vontade está tão transformada na de Deus, que elas não podem querer senão o que Deus quer. Isso de tal modo que, se o Paraíso fosse aberto a elas, elas se precipitariam no Inferno antes que aparecer diante de Deus com as manchas com que se vêem desfiguradas. Elas se purificam voluntária e amorosamente, porque esse é o bom prazer Divino.

Elas lá querem estar no estado que agrada a Deus, e tão longamente quanto Lhe apraza.

Já não podem mais pecar, nem experimentar o menor movimento de impaciência nem cometer a menor imperfeição.

Amam a Deus mais que a si mesmas e mais que a qualquer outra coisa.

Amam-no com um amor perfeito, puro e desinteressado.

São consoladas por Anjos e estão certas de sua salvação eterna, cheias de uma esperança que jamais poderá ser desapontada em seus anseios.

Sua angústia mais amarga é suavizada por uma certa paz profunda.

Se o Purgatório é uma espécie de Inferno no que diz respeito aos sofrimentos, é um Paraíso no que se refere ao deleite infundido pela caridade nos corações das almas dos que ali estão.

Caridade que é mais forte que a morte e mais poderosa que o Inferno; caridade cujas luzes são todas de fogo e chamas (Cntic. 8).

Feliz estado! - conclui o santo Bispo - mais desejável que assustador, uma vez que suas chamas são chamas de amor e de caridade”.

Conclusão:

O autor deste indispensável trabalho, Rev. Padre F. X. Schouppe, da Companhia de Jesus, foi um grande teólogo francês, muito conhecido pelos seus trabalhos em Teologia Dogmática e Sagrada Escritura.

Viveu em meados do século XIX e faleceu no início do século XX, tendo antes trabalhado nas missões da Índia.

Neste seu trabalho sobre o Purgatório, encontramos profunda solidez de doutrina e julgamento, unida a uma clareza e simplicidade de expressão que o tornam acessível a todos os níveis de leitores.

Nosso Senhor disse: “Pensa nos teus Novíssimos (isto é, na morte, no Juízo, no Inferno e no Paraíso) e jamais pecarás eternamente”.

Logo depois do Juízo, praticamente todos teremos que passar pelo Purgatório antes de alcançarmos o Paraíso, nosso fim último.

Essa é a razão deste livro: fornecer aos fieis matéria farta e profunda para a meditação sobre a vida futura.

Isto dispensa maiores apresentações e comentários.

Este trabalho é uma adaptação resumida do livro do Pe. F. X. Schouppe, S.J., ***PURGATORY, Illustrated by the Lives and Legends of the Saints***, TAN BOOKS AND PUBLISHERS, INC., Rockford, Illinois, 61105, United States of America, feita em forma de catecismo por Plínio Maria Solimeo e adaptado por Knowload.

Se é muito provável que precisaremos enfrentar o purgatório, conhecer as delícias do paraíso torna-se fundamental para influir em nosso coração o desejo de alcançá-lo.

Leia também o Revelações do Paraíso, esperança para nossas almas.

Nele você vai entender perfeitamente porque o paraíso criado por Deus é perfeito e só pode ser habitado pelos eleitos.





"A melhor maneira de entender o que há entre a condenação e a salvação eternas, entre o céu e o inferno".

Canal dos Santos Anjos



Coleção